

DO CORPO MEDIEVAL AO CORPO MODERNO

Paulo Guilhermeti *

1 — INTRODUÇÃO

Atualmente é possível verificar, no interior da Educação Física, amplas discussões sobre os mais variados temas. Neste debate aparece, entre outras questões, a preocupação em tratar o corpo numa perspectiva histórica.

Este texto objetiva contribuir com as discussões sobre este tema, trazendo mais uma opinião ao debate. Pretende-se, portanto, nesta reflexão, discutir as transformações das concepções do corpo da Idade Média à Idade Moderna. Para desenvolver a análise proposta, tem-se como estratégia metodológica o pressuposto de que a explicação de dada concepção do corpo tem sua compreensão na forma de ser da sociedade da época em questão, e que o conteúdo de sua transformação está na transformação da base material da sociedade emergente (a sociedade moderna), que traz novas concepções ideológico-culturais.

2 — O CORPO MEDIEVAL

Evidentemente o período medieval marca uma fase muito obscura para as manifestações esportivas e culturais. Todas as atividades atléticas herdadas dos gregos e romanos foram, pouco a pouco, perdendo prestígio, até cair quase totalmente no esquecimento. Estes acontecimentos não ocorrem por acaso, mas tornaram-se conseqüências das transformações sociais que a época colocou: "... indubitavelmente, mesmo se o advento do Cristianismo acelerou o fim da atividade gímico-esportiva (...) concebida de acordo com todas as normas da mentalidade grega, a causa primeira que levou ao fim quase total da educação física no mundo romano deve ser atribuída, com toda objetividade, à nova situação sócio-político-econômica que estava desagregando os últimos restos de um grande e último Império (GRIFI, 1989, p. 137)".

Após longa perseguição, o Cristianismo não só resistiu aos romanos, como ainda se fortaleceu até tornar-se religião oficial no Império, através

de Teodósio, aliás, o mesmo Teodósio, que, por influência da Igreja, em 393 d.C., extinguiu os Jogos Olímpicos da Antiguidade, que, na época, reduziram "a uma pobre exibição que nada mais tinha a ver com as náveis competições do passado" (GRAFI, 1989, p. 139).

A sociedade medieval substituiu a escravidão pela servidão. A produção das necessidades materiais desta sociedade, no entanto, faz-se ainda sob padrões semelhantes aos da Antiguidade, ou seja, sob formas mesquinhas e diminutas, dirigindo-se unicamente para o consumo imediato.

A Igreja Católica representa a unidade política desta sociedade, pois, com 1/3 de todas as terras do mundo feudal, torna-se o maior dos senhores feudais. Daí espalhar por todos os lugares o culto ao divino. Agora, o mundo, a ordem das coisas se explica ou se estabelece pelo desejo de Deus. Portanto, "a característica de ter uma alma (essa alma ter sido criada por Deus) exige que todo empenho educativo dirija-se ao aprimoramento espiritual, religioso de cada um (NAGEL, 1985, p. 04)".

A nova religião coloca-se em oposição ao corpo, como coloca OLIVEIRA (1983, pp. 32-33): "Afogado em crenças e dogmas religiosos, surge um homem que só era encorajado à vida celestial. O total descaso pelas coisas materiais estabelecia um absoluto divórcio entre o físico e o intelectual"; ou como diz GRIFI (1989, p. 138): "Esta drástica condenação e os princípios deste comportamento diziam respeito somente à esfera do mal (a danação) e não ao bem (a salvação); o bem da alma prevalecia sobre aquele do corpo e tudo aquilo que era corpóreo era considerado danoso para conseguir-se a vida ultra-térrea".

A rejeição ao corpóreo coloca-se de forma tão absoluta na sociedade feudal que não vê nenhuma virtude no trabalho, justamente por se caracterizar enquanto atividade física. O trabalho humano, responsável pela produção dos bens materiais necessários à sociedade, torna-se castigo. Quem trabalha, nesta época, segue a vontade de Deus, como expiação pelos pecados cometidos. Aliás os castigos divinos consistiam justamente em mortifi-

* Pós-graduação em Educação Física pela UNICAMP. Prof. Colaborador da Universidade Estadual de Maringá.

car o corpo, sendo a única forma “correta” de pagar os pecados e alcançar o bem, salvando a alma.

Em função desta concepção de homem, as manifestações esportivas assumem um caráter folclórico, como os jogos equestres (principais jogos do período feudal). A cavalaria converte-se na ordem social, na proteção e manutenção das terras feudais. Assim, a educação cavaleiresca impõe o aprendizado da esgrima, da caça, da luta, da equitação e até mesmo do xadrez; no entanto nem a leitura, nem a escrita eram tratadas na formação de muitos cavaleiros (OLIVEIRA, 1983, p. 34). O slogan dos cavaleiros era o seguinte, segundo GRIFI (1983, p. 141): “A minha alma para Deus, minha vida ao Rei, o meu coração para a dama e a honra para mim”.

3 — O CORPO MODERNO

Entre a Idade Média e a Idade Moderna tem-se, na História, o Renascimento, que se caracteriza enquanto um período de manifestações intelectuais e culturais que evidencia uma nova civilização. Pode-se também referir-se ao período como Humanismo, sendo um movimento espiritual (no século XV) que marca o retorno ao classicismo.

O período renascentista difere muito do período feudal pela sua concepção de homem, pois, mesmo sem negligenciar a religião, dirige-se novamente ao homem, inspirando-se nas obras da Antiguidade Clássica. Neste momento valoriza-se a realização terrena, contrapondo-se às concepções medievais que têm a única preocupação na salvação da alma.

Este movimento que traz novamente o homem e todas as manifestações humanas — inclusive a volta da Educação Física — representa a formação de uma nova forma de organização social na produção das necessidades materiais da sociedade. Estes acontecimentos sociais, que ocorrem principalmente a partir dos séculos XV, XVI e XVII, têm por princípio o domínio das forças da natureza, como coloca NAGEL (1985, p. 05): “A descoberta da bússola, do astrolábio, da pólvora (...) leva os homens para outros mundos e para outras idéias. A valorização do trabalho humano começa a ser feita diante dos antigos trabalhos escravos e artesanais (...). O trabalho-fonte de abundância não é mais entendido como expiação dos pecados, nem tão pouco destinado a seres inferiores...”

A prática social que vai constituindo um novo mundo coloca a necessidade de apreensão teórica deste movimento. Um dos mais significativos intérpretes deste momento é John Locke, que, em sua obra “Segundo Tratado Sobre o Governo”,

publicada na Inglaterra, em 1660, faz uma reflexão radical da época.

Ao questionar o poder absoluto do Rei, Locke coloca a nível da teoria o que é o novo homem que o século XVIII está produzindo, ou seja, a necessidade de serem compreendidos no estado de natureza onde todos os homens são livres e iguais.

Desta forma, torna-se ilegítimo o poder do Rei (outorgado pela vontade de Deus — segundo as concepções anteriores), que, assim, iguala-se ao mais humilde súdito. Todos os pressupostos divinos são destruídos, sendo agora o trabalho humano sobre a natureza a única coisa que diferencia os homens. Locke coloca, assim, o novo conceito de propriedade: “... cada homem tem uma propriedade em sua própria pessoa: a esta ninguém tem qualquer direito, senão ele mesmo. O trabalho de seu corpo e a obra de suas mãos, pode dizer-se, são propriedade dele (LOCKE, 1978, p. 45)”.

Portanto, tendo uma propriedade em seu corpo, pode o homem trabalhar para si ou para outrem, pois tem liberdade para tanto. Com esta compreensão, Locke acaba legitimando na teoria a prática social de seu tempo, a forma do assalariado e do capitalista (que estavam em formação), e ainda, abre os pressupostos para derrubar a velha ordem, calcada em concepções econômicas anteriores.

A nova sociedade traz a necessidade do conhecimento da natureza para prover os homens de novos recursos e inventos. Daí o papel da ciência para o desenvolvimento industrial e, ao mesmo tempo, para opor-se à Igreja. Assim: “Passo a passo com a ascensão da burguesia produzia-se um grande ressurgimento da ciência. Volta-se a cultivar a astronomia, a mecânica, a física, a anatomia, a fisiologia. A burguesia necessitava para o desenvolvimento da sua produção industrial de uma ciência que investigasse as propriedades dos corpos físicos e o funcionamento das forças naturais. Mas até então a ciência não havia sido mais do que a servidora humilde da Igreja, não lhe sendo permitido transportar as fronteiras estabelecidas pela fé (...). Agora a ciência rebelava-se contra a Igreja; a burguesia precisava da ciência e lançou-se com ela na Rebelião (ENGELS, 1980, p. 15).

O ressurgimento da Educação Física, a preocupação com o corpo vem de encontro com as necessidades desta nova ordem social em formação: com a valorização do indivíduo e da ciência, o corpo ganha destaque. Por isso, encontra-se referência à educação corporal em inúmeros pensadores desta época como Bacon, Locke, Da Vinci, Rousseau, Pestalozzi e outros. Começa-se a produzir os primeiros tratados sobre Educação Física, que passa a ser valorizada enquanto elemento de educação.

Até mesmo a preocupação médica da Educação Física, a princípio, era a de garantir um corpo

forte e saudável, portanto produtivo e necessário à sociedade nascente, como coloca ALBERTI (citado por GRIFI, 1989, p. 162): "A educação das crianças devia compreender os exercícios ginásticos para endurecer e adestrar o corpo, habituando-o a fadiga e ao trabalho".

Portanto, se a questão agora é o trabalho (homem = trabalho) e não mais Deus (como anteriormente), estão dadas as condições necessárias para se repensar o corpo, sobretudo um corpo produtivo, voltado para o trabalho.

4 — CONCLUSÃO

Ao propor a reflexão do corpo medieval ao corpo moderno, coloca-se uma questão, ou seja, que, ao se pensar uma nova concepção de corpo na história não se busca apenas retomar concepção de corpo na história não se busca apenas retomar concepções anteriores (das obras dos gregos e romanos, por exemplo), mas se busca, sim, uma forma de ser e de interpretar a sociedade. A nova sociedade (moderna) não se guia por padrões anteriores, onde os corpos se diferenciam entre nobres e escravos ou entre senhores e servos: diferenças tidas como divinas (pela vontade de Deus). Agora, para a visão moderna de mundo,

os corpos são livres e iguais, e só podem diferenciar-se pelo trabalho (Locke). As diferenças são naturais.

Da mesma forma também é preciso compreender que os pensadores desta época, como Bacon, Locke, Pestalozzi e outros, não estão refletindo exclusivamente sobre o corpo, mas estão interpretando uma nova forma de sociedade que traz uma nova concepção de corpo.

5 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENGELS, F. **Do Socialismo utópico ao socialismo científico**. São Paulo, Global, 1980.

GRIFI, G. **História da Educação Física e do esporte**. Porto Alegre, Luzzotto, 1989.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)

NAGEL, L. H. **Avaliação, sociedade e escola**. Curitiba: SEED, 1986.

OLIVEIRA, V. M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

